



O trem do pantanal e a utopia do Sr. Giroto

A declaração do Secretário Estadual de Obras Públicas e Transportes, Edson Giroto, em entrevista exclusiva ao Midiamax, dias atrás, é de um pessimismo só: "falar em Trem do Pantanal é uma utopia", disse, referindo-se ao fato de que o retorno do transporte ferroviário de passageiros, chamado de "Trem do Pantanal", foi um sonho do governo Zeca do PT que já está sepultado pela administração do Governador André Puccinelli.

O curioso na entrevista é que o novo Secretário fundamenta seu tirocinio sempre na CNT (Confederação Nacional dos Transportes) que, segundo ele, teria realizado uma pesquisa "mostrando que no Brasil a estimativa é de que a solução dos obstáculos físicos e operacionais das ferrovias exigiria investimentos de R\$ 4,192 bilhões", razão pela qual o projeto da "ressurreição" do Trem do Pantanal já seria um projeto natimorto.

Enquanto ele reitera que "na atual administração não se fala nesse assunto e jamais vai se falar", condicionando uma eventual e pouco provável reedição do "trem" a uma necessária e substancial "melhoria na malha ferroviária do Estado", penso cá com meus botões. E me pergunto sobre a figura do homem nesse cenário paradisíaco e turístico traçado pelo Secretário.

Lembro que em 1985, quando a este Estado cheguei, vindo do Rio Grande do Sul, como antropólogo do Conselho Indigenista Missionário, a primeira cidade que morei foi Bodoquena. De lá, no lombo de uma moto, dirigia-me até o povoado de Morraria e de lá ia até a região do Tatumã, já no município de Porto Murtinho. Região agreste e de poucas estradas, em meio a tudo, o que unia aquela gente esquecida a algum lugar mais distante, era, sem dúvida, o trem, o trem do pantanal.

Lembro que alguns indígenas Ofaié "que os assistia à época--, acompanharam-me numa viagem de Bodoquena até Três Lagoas, cruzando de Oeste a Leste o Estado, passando por Miranda, Campo Grande e Água Clara, numa viagem cheia de esperança e significado para aquele povo, em vias de extinção, e que fugia da morte e dos conflitos então havidos entre posseiros e indígenas na Reserva Kadiwéu.

Assim como aquele povo e a anomia vivida que lhe impregnava a alma, junto deles, dividiam os vagões do trem, centenas de ribeirinhos e viventes oriundos dos imensos lagoões inundados, peões de fazendas, famílias inteiras em constante mudança, com as cheias sazonais do pantanal. Todos fazendo do trem um estribo para firmar-se como parte integrante da vida e dos recursos --prosaicos para nós, mas tão escassos para aqueles que vinham e iam para longe.

Rápido o trem fazia as curvas pelos cerros de Aquidauana. Não tão céleres como os pneumáticos dos carros sobre o asfalto que, de quando em vez, lado a lado à estrada de ferro, disputavam espaço e buzinas que, tão-logo surgiam, num turbilhão de passagem, rapidamente sumiam.

Via de regra, bancos de madeira, classe de segunda, e os sacos de mantimentos, frangos amarrados pelas pernas, e o tererê correndo frouxo tal qual o vento refrescando o rosto da filha que partia para a Capital e a lembrança da aldeia que ficava para trás.

Essa figura humana é figura exótica na planilha de custos do Sr. Giroto. O homem pantaneiro é mote pouco relevante no cenário de luzes pintado pelo novo Governo. Esses seres rudes e seus berrantes, com suas danças e culinária, mas, sobretudo, esses seres humanos que ousam falar de direitos, egressos da chamada civilização, eles querem fazer parte dos destinos de sua região.

O Secretário fala de números e de segurança. Não a segurança alimentar, de educação, de saúde e do direito de ir e vir num transporte que lhes foi arrancado das mãos e dos pés. O Secretário, ao contrário, só fala da segurança da estrada, dos dormentes, da bitola e do conforto para os gringos "operadores internacionais do turismo".

Afinal como fascina o tal biodiesel, o novo petrodólar que devem passar nos trens de carga, para ser vendido aos gringos. Os mesmos gringos que vem aqui encher o bolso dos empresários, enquanto os pobres e ribeirinhos passam a viver das sobras de sanduíche que caem da boca desses senhores letrados: vender artesanato é o que lhes resta.

Se "acima de 8 km/h o trem descarrila?", como disse o Secretário, é porque desde que foi privatizada a RFFSA, a

nossa NOB, os novos proprietários --que já passaram de três--, da transnacional, nada investiram para melhorar a malha viária e tampouco as tais Agências Reguladoras intimidaram essas concessionárias de fazê-lo.

Apressam-se os empresários em informar que o álcool terá que ir até a barranca do rio Paraná, ser repassado para chatas específicas para o seu transporte, subir o rio Paraná, o rio Tietê e seguir até o ponto de descarga para ser conduzido até Paulínia?. Construir uma refinaria de álcool no Estado está proibido (por quem?). O polduto (que transforma esse Estado somente em corredor) já está na prancheta dos investidores. O homem pantaneiro, entretanto, é figura esquecida nesse cenário nada bucólico proposto pelo Sr. Giroto.

Fonte: Por Carlito Dutra

Imprimir